



A ALMA CEARENSE

Um dia perguntaram ao revolucionario francez Sieyés:

—Que fizestes durante o Terror?

—«J'ai vécu», respondeu elle simplesmente. *Eu vivi.*

Quem quer que nunca se tenha deixado empolgar pelas paixões pessoas ou arrebatado pelas violencias partidarias, bem podia, acompanhando as phases temerosas da crise politica nacional, paraphrasear do seguinte modo as famosas palavras do eminente publicista do terceiro estado: *J'ai vu et j'ai souffert.*

Na realidade vêr e soffrer são a fatalidade e o supplicio das almas bem formadas que, acalentando sempre o elevado e nobre ideal de grandeza e felicidade patrias, vêm hoje tripudiar quasi por todo o norte do Brasil o genio malfazejo e sinistro da desordem e da anarchia

Filho amante dessa longinqua região, já diversas vezes tenho escripto a respeito della. Ainda não ha muito publiquei nas generosas columnas do *Correio da Manhã* um trabalho, que terminava desta maneira:

«Poesia e saudade, eis a synthese affectiva que nos vem dessas encantadoras plagas cuja decadencia é innegavel.

Eu não sei se ainda se poderia applicar ao norte do Brasil o famoso verso de Voltaire a Catharina II: *C'est du Nord aujourd'hui que nous vient la lumière.*

Acho que hoje em dia a luz está no sul. A luz e o progresso, a riqueza e o poder, o brilho e a seducção, a magnificencia e o futuro».

Escrevi isso, apesar de saber que é muito contestavel semelhante juizo. Na verdade, basta considerar na

immensa extensão territorial e nas surprehendedentes riquezas n turaes de regiões como o Acre, o Amazonas, o Pará, Maatto Grosso, Goyaz e Bahia para ver que o porvir grandioso do Brasil está no norte.

Isso se dará necessariamente, fatalmente, porque nem a baixa politicagem nem os máos governos poderão jamais destruir ou annullar as duas grandes forças creadoras da Natureza,—o calor e a humidade.

Mas o objecto deste artigo é outro. Quando me occorreu o titulo *Alma cearense*, é que me surgiu ao espirito a imagem dolente de minha terra natál, amado torrão que eu quizera ver alegre e feliz no seu labor indefeso, fecundo e abençoado.

Realizar-se-á esse desejo, que é o de todos os bons cearenses?

No momento mesmo em que traço estas linhas, lá fóra a grande noite jaz embaçada e soturna, envolta numa atmospherá pesada e ameaçadora. O céu afoga-se nos tons indecisos da meia treva. Nenhuma estrella fulge, nenhum astro palpita no espaço. Bruxoleia pela immensa amplidão um crepusculo de sonho, diffuso, envolvente e vasquejante.

Esse aspecto sombrio e taciturno coincide, acaso, com o ambiente moral que envolve e mergulha em tribulações a alma cearense, tão livre e energica, tão forte e diligente, tão nobre e soffredora.

Neste enorme e bemfadado paiz porventura ainda existe alguma coisa fóra da politica? Os que não têm serenidade, nem descortino, nem cultura civica, nem educação verdadeiramente patriotica chamam politica ao montão de incongruencias, ao acervo de absurdos que perturbam, anarchizam e degradam a vida regular do povo e o funcionamento normal da Republica. Dão esse nome indifferentemente ás velleidades do absolutismo, ás contramarchas das oligarchias, aos subterfugios da inconstitucionalidade, á oppressão reaccionaria ou aos desmandos do partidarismo, ás violencias da demagogia, ao terror do clubismo. Mas esse estranho regimen de surtos e de quedas, de paroxysmos e de collapsos não passa de politiqui-

ce, de politicagem, de politiquismo, degeneração inferior da politica, que é theoricamente a sciencia do estado e praticamente a arte de governar.

De tanta desvirtuação resultam a reserva natural dos que nunca se affizeram ao jogo de disparates e o retraimento comprehensivel de muitos que tambem pensaram sempre no bem publico e na grandeza patria.

Não escrevo, pois, como politico e sim como filho extremoso de uma terra, que tanto se tem assignalado e distinguido na tradição e na historia nacionaes.

Com effeito, quem quer que haja acompanhado a expansão da familia brasileira póde dar o mais solemne testemunho do valor do contingente cearense.

Quem lançou no Brasil a semente fecunda da abolição? E sabem todos que a revolução de 15 de novembro foi o corollario logico, fatal da jornada de 13 de maio, a qual, por sua vez, emanou da transfiguração de 25 de março, realizada na *Terra da Luz*.

Quem desbravou o norte inculto, penetrou as mattas virgens, vadeou os rios caudalosos, atravessou os pantanos mortiferos, affrontou as pragas, devassou as regiões inhospitas, perlustrou os desertos medonhos? quem attraiu, domou e converteu aborigenes trazendo-os ao convivio civilizado?

Ha algum tempo, em 1910, num relatorio sobre o extremo norte o dr. Alberto Maso salientou, por exemplo, a extraordinaria benemerencia do cearense Angelo Ferreira, o nobre pacificador e protector dos indios naquellas remotas paragens. De facto, esse novo bandeirante «tornou-se o chefe supremo dos Ajubins, Cachinaúas, Corynas e Catuquinas. Fel os trabalhar, explorou mattas, abriu varadouros, fez grandes roçados e abriu, na extensão de 244 kilometros, a grande estrada que liga Coca-mera a Cruzeiro do Sul».

Difficilmente se póde imaginar a iliada de trabalhos, a epopéa de arrojo e coragem despendidos no desbravamento do Acre, immensa, longinqua e erma região onde a individualidade humana parece afundar-se no desconhecido.

Desses heroes anonymos tambem falo aqui Desses homens obscuros, simples e intrepidos, trato igualmente nesta pagina ligeira, mas sentida.

A alma cearense tem vibrado de dôr e de jubilo, de tristeza e de alegria, de duvida e de esperança nessa infinda peregrinação, imposta, é verdade, pela inclemencia da natureza e pela fatalidade das coisas. Dahi a synthese affectiva de poesia e saudade de que falei no principio deste artigo.

Assim como o raio luminoso continúa a brilhar no espaço mesmo depois de extincto o astro rutilante, assim tambem a lembrança do berço longinquo persiste pura e vivida em nosso espirito, ainda quando as correntes da sorte nos tenham afastado, talvez para sempre, do estre-incido torrão natal.

Eis a razão por que o coração amigo, mesmo distante, estremece de inquietação e anceia de temores numa phase critica em que póde vir o bem e póde vir o mal a um povo forte, cujo viver tem sido feito de luctas titanicas e de feitos heroicos.

Candido Jucá.

